

SOB O SIGNO DA MULTIPLICIDADE*

Luis Cláudio Figueiredo**

Este artigo pretende colocar em discussão algumas das minhas preocupações e, em particular, algumas que dizem respeito às atividades profissionais do psicólogo. Fundamentalmente, tratarei de pôr em questão a idéia de que vale a pena nos preocuparmos com a 'identidade profissional' do psicólogo; em decorrência deste primeiro questionamento, colocarei em discussão a existência de uma 'categoria profissional' de psicólogos; finalmente, será a própria viabilidade de uma *representação* desta suposta categoria que estará sendo problematizada. Estou certo de que estas posições são algo polêmicas e que os argumentos que tentarei articular são discutíveis; contudo, estou também seguro de que ninguém tem mais capacidade e interesse do que os próprios psicólogos em dar respostas a estas colocações e fazê-las render, mesmo que para serem eventualmente contestadas.

1

Começarei tratando do que chamo de 'multiplicidade oficial da psicologia'. São aspectos e dimensões dos nossos saberes e de nossas práticas como psicólogos em que a multiplicidade está claramente presente e é perfeitamente reconhecida, mesmo que não se tirem dela todas as suas conseqüências.

Uma primeira dimensão da multiplicidade diz respeito às áreas de atuação dos psicólogos; às áreas antigas e convencionais vêm sendo acrescentadas a

* Originalmente, este texto foi apresentado sob a forma de palestra, proferida em 12 de dezembro de 1992 no Conselho Federal de Psicologia, Brasília.

** Professor Livre Docente em 'Psicologia geral' da Universidade de São Paulo (USP), Coordenador dos cursos de Mestrado e Doutorado em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Chefe do Departamento de Psicologia da Universidade Paulista (UNIP).

cada dia inúmeras áreas novas em que o processo de implantação dos psicólogos está em pleno andamento. Em cada uma destas áreas, novas e velhas, os psicólogos entram em contato com novas populações e com novas demandas, estabelecem relações com diferentes profissionais, adquirem diferentes conhecimentos específicos, aprendem e criam diferentes linguagens, elaboram diferentes estilos de atuação; em suma, as diferentes interfaces da psicologia geram profissionais com saberes, práticas, destinações, linguagens, alianças e limites muito específicos. Creio que já seja hoje perfeitamente lícito perguntar: trata-se de um único *ser psicólogo* que se apresenta em diferentes versões, ou já caberia mais falar numa diversidade constitutiva? Em outras palavras, apesar de uma formação, até certo ponto, comum, haverá uma identidade profissional múltipla, ou será que a diferenciação se impõe como intrínseca às atividades deste profissional nos seus variadíssimos contextos de atuação?

Uma segunda dimensão de multiplicidade é, ninguém o desconhece, a que diz respeito às correntes teóricas e metodológicas da psicologia contemporânea, cuja variedade eu procurei tornar inteligível mediante uma análise das *matrizes do pensamento psicológico* (Figueiredo, 1991). Não creio ser aqui necessário me estender sobre esta questão; que fique porém registrado um dos principais resultados do estudo acima mencionado: não há entre as diversas correntes consenso acerca de questões básicas; suas compreensões prévias, seus *pressupostos* do que sejam os objetos da psicologia, do que seja o 'psicológico' e de como produzir sobre ele um conhecimento válido são muito diversos; de fato, não há entre nós muito acordo acerca do que poderiam ser os 'critérios de cientificidade' com base nos quais deveríamos avaliar nossos conhecimentos e nem mesmo se esta é realmente uma questão decisiva da validação de nossas crenças e justificação de nossas práticas. Ora, cada uma das correntes ou 'famílias teóricas' em psicologia, engendrada por uma matriz ou combinação de matrizes, mantém relações privilegiadas com diferentes áreas afins, sente-se como pertencendo a diferentes enquadres disciplinares, desenvolve diferentes dialetos de acordo com as necessidades dos intercâmbios que lhe parece mais fecundos etc. Novamente aqui caberia perguntar: trata-se de uma psicologia com diferentes versões ou tratam-se efetivamente de múltiplas psicologias? Em diferentes oportunidades tenho defendido esta segunda alternativa (Figueiredo, 1991, 1991a, 1992, 1992a, 1992b e 1992c).

Até agora me detive na multiplicidade oficialmente reconhecida. Ocorre, porém, que há outras multiplicidades muito mais difíceis de detectar, de representar e de reconhecer. Por exemplo, como tive a oportunidade de desenvolver em outro lugar (Figueiredo, 1992a), a atividade profissional do psicólogo requer uma *incorporação* dos saberes psicológicos às suas habilidades práticas de tal forma que mesmo o conhecimento explícito e expresso como *teoria* só funciona enquanto *conhecimento tácito*; o conhecimento tácito do psicólogo é o seu saber de ofício, no qual as teorias estão impregnadas pela experiência pessoal e as estão impregnando numa mescla indissociável; este saber de ofício é radicalmente pessoal, em grande medida intransferível e dificilmente comunicável. O resultado é que a adesão explícita e assumida a uma 'escola' diz muito pouco da efetiva atuação profissional; na verdade creio que quanto mais conta a experiência, quanto mais tempo no exercício da profissão, mais as variáveis pessoais vão pesando na definição das práticas e das crenças dos psicólogos. Há, portanto, muito mais variedade do que pareceria a quem se ativesse às adesões teóricas explicitadas.

Finalmente, gostaria de chamar a atenção para um fenômeno muitíssimo comum mas que, ao que eu saiba, jamais foi considerado em profundidade. Refiro-me às ocorrências de transição e mudança de rumo nas trajetórias profissionais e pessoais dos psicólogos. Muitas vezes estas transições são dramáticas e públicas: por exemplo, transições entre posições comportamentalistas e existenciais, ou entre posições psicanalíticas e psicodramatistas etc. Muitas outras vezes as transições ocorrem entre versões de uma mesma 'escola', embora entre estas versões possam haver distâncias tão grandes quanto entre escolas; é o que ocorre, por exemplo, no campo da psicanálise quando se transita de Freud para Kohut, ou de Melanie Klein para Lacan etc. Estas transições, contudo, podem ficar menos expostas, pelo menos para os que não pertencem à comunidade psicanalítica. Mesmo, porém, que não ocorram transições desta natureza, penso que não estaria exagerando se afirmasse que, ao menos na clínica, os psicólogos estão sempre, ou quase sempre, transitando, quando mais não seja na medida em que o processo de elaboração – não consciente e não programado – do conhecimento tácito lhes impõe um movimento contínuo de metabolização: metabolização de experiências, metabolização de informações teóricas... Estas metabolizações engendram um fluxo permanente de diferenciações: não só são af engendradas diferenças *entre* psicólogos, mas, principalmente, *diferenças de cada um para consigo mesmo* ao longo do tempo.

A multiplicidade mais ou menos dissimulada nos conhecimentos tácitos e nas transições e mudanças de rumo tornam, naturalmente, ainda mais precária a nossa 'identidade profissional'. Na verdade, para falar em identidade precisaríamos, em primeiro lugar, de limites razoavelmente claros que distinguíssem as variações que pertencem ao campo de possibilidades do 'idêntico' daquelas que já não pertencem a este campo; em segundo lugar, seria preciso que houvesse um mínimo de permanência ao longo do tempo. Pois bem, nem limites claros nem permanência.

São exatamente as nossas dificuldades na construção e definição de uma identidade profissional que, simultaneamente, nos conduzem a uma busca, às vezes desesperada e grotesca, de legitimação e a impasses intransponíveis nesta empreitada. É bem compreensível que quanto mais difícil seja para nós nos apresentarmos aos outros e à nós mesmos mediante uma identidade clara e distinta, mais nos pareçam atraentes algumas estratégias de autolegitimação. Infelizmente, muitos de nós não têm conseguido resistir a esta tentação e enveredam por formas primitivas de construção de identidade, como as que se baseiam em processos de *exclusão do mal*. É assim que vemos muita gente, a partir de conhecimentos e reflexões elementares, promovendo ou patrocinando a exclusão do que 'não é científico' e/ou do que 'não é psicológico'. O que há de errado com esta estratégia ficaria muito rapidamente exposto se pedíssemos que nos esclarecessem acerca do que entendem por 'cientificidade' e por 'psicológico'. Neste momento, seguramente, veríamos se desfazerem as alianças que reúnem muitos psicólogos nesta mesma cruzada contra o mal e veríamos emergirem todas as incompatibilidades entre pressupostos ontológicos e epistemológicos a que fiz referência acima. Em outras palavras: as estratégias de autolegitimação baseadas em processos de exclusão geram alianças totalmente espúrias e insustentáveis. Isso para não entrarmos no mérito da estratégia em si mesma e do que ela revela do modo de funcionamento mental de quem a adota...

3

Até aqui, abordei a multiplicidade num plano meramente descritivo. Neste plano, porém, embora já estivéssemos problematizando a idéia de uma identidade profissional, ainda não estaríamos em condições de avaliar todo o alcance da questão.

Gostaria de prosseguir propondo, em primeiro lugar, algumas alternativas de interpretações da origem das diversas multiplicidades a que venho me referindo.

Começarei sugerindo que pensemos no psicólogo como um 'profissional do encontro'. Há, como se sabe, toda uma fala de extração humanista acerca do 'encontro'. Trata-se lá de um discurso eminentemente ideológico e saturado de ficções românticas e idílicas. Não é disso, porém, que se trata aqui. Quando proponho caracterizar o psicólogo, em qualquer contexto em que trabalhe, como 'profissional do encontro' estou apenas assinalando o fato de que o lidar com o *outro (indivíduo, grupo ou instituição) na sua alteridade* faz parte da nossa atividade cotidiana. Mesmo que cheguemos a este encontro com a relativa e muito precária segurança de nossas teorias e técnicas, o que sempre importa é a nossa disponibilidade para a alteridade nas suas dimensões de algo *desconhecido, desafiante e diferente*; algo que no outro nos obriga a um *trabalho* afetivo e intelectual; algo que no outro nos propulsiona e nos alcança; algo que do outro se *impõe* a nós e nos contesta, *fazendo-nos efetivamente outros que nós mesmos*.

Eis-nos, assim, reconhecendo um primeiro lugar para a alteridade: a alteridade do outro como motor de diferenciação. No entanto, é preciso avançar da alteridade do outro para a alteridade do próprio para que a nossa condição de 'profissionais do encontro' fique plenamente esclarecida.

De qual lugar se abre o espaço para a alteridade do outro senão *das alteridades de que cada um de nós é feito*? Se não fôssemos cada um de nós constituídos multiplamente, se não fôssemos, pelos descentramentos contínuos, capazes de tirar partido desta multiplicidade constitutiva, se não fôssemos capazes de deixar a alteridade do outro *ressoar* nas nossas próprias alteridades estaríamos totalmente incapacitados para o exercício de nossa profissão.

Em um trabalho recentemente publicado (Figueiredo, 1992) propus uma interpretação do espaço existencial contemporâneo como um espaço formado por três pólos em constantes conflitos e alianças: o pólo do Liberalismo, o pólo do Romantismo e o pólo das Disciplinas. Sugiro, então, que todos os processos de subjetivação se efetuem neste contexto múltiplo e que os diferentes *lugares* deste território constituem-se como diferentes combinações e compromissos entre aqueles modos de subjetivação. As identidades elaboradas em cada um destes lugares implicarão sempre, em maior ou menor medida, a exclusão de algo que, no entanto, pertence àquela subjetividade na condição de 'o seu outro'. É nesta medida que caracterizo o 'psicológico' como o lugar dos excluídos, em outras palavras, como o lugar das alteridades próprias do sujeito.

Pois bem, todos nós, psicólogos ou não, trazemos conosco estas sombras, os nossos outros. Só que para nós psicólogos esta multiplicidade se converte na condição mesma do nosso trabalho. É no contato com as alteridades do outro e

com nossas próprias alteridades que transcorre e se efetua toda a nossa experiência; é daí que se pode originar nossa eficácia. É, enfim, este contato com o múltiplo que gera todos aqueles fenômenos de multiplicidade oficial e oficiosa pelos quais comecei minha exposição.

Antes de me encaminhar para o que serão meus questionamentos finais, gostaria de tecer duas considerações. Em primeiro lugar, penso que vale a pena ressaltar o que poderia ser o uso legítimo de teorias e técnicas no campo da psicologia. Em geral pensamos nestes recursos, a partir de uma perspectiva pragmática, como orientadores de nossas práticas; numa outra oportunidade, defendi a idéia alternativa de que eles podem ser mais úteis como dispositivos de descentramento, instaurando no curso da ação os espaços da indecisão, os espaços do desconhecimento nos quais podem então ser acolhidas as alteridades emergentes (Figueiredo, 1992a).

Uma outra observação é a seguinte: de todas as teorias psicológicas disponíveis, as psicanálises parecem se notabilizar não apenas por terem emergido no terreno da dissolução das ilusões de unidade e identidade do sujeito moderno, como por terem feito da multiplicidade e da fragmentação do indivíduo *seu tema e seu método*. Não se trata aqui de defender a psicanálise em qualquer tribunal epistemológico como a 'mais verdadeira' das psicologias. Trata-se apenas de reconhecer a sua visceral pertinência à problemática contemporânea da subjetivação (a bem da verdade, cabe acrescentar que muito freqüentemente os psicanalistas não souberam corresponder plenamente às exigências desta condição, renunciando de uma forma ou de outra ao potencial verdadeiramente *analítico* da psicanálise (cf. Laplanche, 1992).

4

Para finalizar, retomarei agora a minha questão original. Que sentido tem, para nós psicólogos, a questão de nossa 'identidade profissional'? Será que o reconhecimento das diversas dimensões da multiplicidade nos deveria conduzir a um mero plural: em vez de falar em 'identidade', falaríamos em 'identidades'? Se nos mantivéssemos num nível puramente descritivo, talvez pudesse ser esta uma solução simpática e pouco comprometedora. No entanto, se estou certo de minha análise das funções constitutivas das alteridades (as alheias e as do próprio) na nossa atividade profissional, não nos bastará falar em 'identidades' profissionais; será então necessário pensar a psicologia e os psicólogos renunciando definitivamente a esta noção e, provocativamente, colocarmos em

questão exatamente as nossas alteridades. E não para contê-las sob qualquer forma de representação teórica, mas para *usá-las*, para delas tirar todo o partido, para fazer delas a condição de nossos fazeres com tudo que isto implica em termos de *multiplicação das multiplicidades*.

Mas agora cabe a pergunta: em que medida a noção de 'categoria profissional' pode sobreviver se abrimos mão, como estou sugerindo que se faça, da questão da indentidade? Desconfio seriamente que nos concebermos como uma categoria profissional não faz justiça ao que já somos e muito menos ao que nossa 'vocação' nos exige: a convivência com a alteridade.

E, finalmente: se não formos uma categoria poderemos ser representados? Podemos, com nossas multiplicidades intrínsecas, nos fazer representar?

Supondo-se que haja algum sentido em toda a minha argumentação, quais poderiam ser então as funções legítimas dos Conselhos e, muito particularmente, deste Conselho Federal de Psicologia que tão gentilmente me deu a oportunidade de expôr estas idéias?

Referências bibliográficas

- FIGUEIREDO, Luís Cláudio (1991). *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis, Vozes.
- (1991a). *Psicologia. Uma visão histórica*. São Paulo, Educ. (Série Trilhas)
- (1992). *A invenção do psicológico. Quatro séculos de subjetivação (1500-1900)*. São Paulo, Escuta-Educ. (Linhas de Fuga)
- (1992a). O estatuto dos discursos teóricos na psicologia clínica. Palestra apresentada na Reunião Anual da ANPEPP, Brasília.
- (1992b). Um método para o pensamento débil. Há seriedade nisso? Palestra apresentada na Reunião da ABRAPSO. São Paulo.
- (1992c). Novas demandas de atendimento psicológico. Como pensar e como lidar? Palestra apresentada em Mesa-Redonda promovida pelo CRP de São Paulo. São Paulo.
- LAPLANCHE, Jean (1992). *La révolution copernicienne inachevée*. Paris, Aubier.

